

A casa das crianças: O lugar da arte dentro da Ocupação

The children's house: The place of art within the Occupation

La casa de los niños: El lugar del arte dentro de la Ocupación

Lorena Toniolo Zampetti¹

Denise Blanco Sant'Anna²

1 Artista visual e arte educadora, graduada em Artes Visuais - licenciatura pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo-RS), mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4398-2406>, Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/4497124574968693>, e-mail: lorenzampetti@gmail.com

2 Doutora em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale; Mestre em educação e graduada em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0233-6638>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4504880633501452>, e-mail: denise@feevale.br

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a concepção de “casa” de crianças e adolescentes que moram na Ocupação Justo, em São Leopoldo, considerando as artes visuais como instrumento de ressignificação da identidade social em meio ao contexto habitado. A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de outubro a novembro de 2023, com um grupo de, aproximadamente, 40 crianças e adolescentes, entre sete e 17 anos, participantes da Tenda do Encontro, espaço da Ocupação para atividades com a comunidade. A partir dos trabalhos realizados nos encontros, buscou-se analisar sobre o impacto das oficinas de arte/educação, no sentido de capturar e transmitir as narrativas subjacentes a esses espaços ocupados, para a tomada de consciência do contexto em que vivem ressignificando o sentimento de pertencimento social dos moradores daquela região. As práticas envolveram a apresentação de pessoas e projetos que abordam as casas e os sentimentos promovidos por elas, expressando suas identidades e o sentimento de pertencimento, refletindo histórias e realidades da ocupação, são eles: Marcelino Melo (Projeto Quebradinha), o Projeto Morrinho (RJ), a artista visual Mônica Nador (Projeto JAMAC), o festival africano Bogo Ja e a aldeia-casa yanomami. O referencial teórico que embasa a reflexão contou com Walter Benjamin, Ana Mae Barbosa, Georges Henri Luquet e Gaston Bachelard. A reflexão acerca da investigação realizada aponta que os jovens utilizam o ensino da arte como refúgio para se fazer o que gostam, além de ter a Ocupação Justo como uma extensão de suas próprias casas. Além disso, o grupo participante da pesquisa demonstrou uma ressignificação quanto a percepção de suas casas, da Ocupação e do contexto em que vivem, revelando que a arte tem um papel essencial na construção de identidades e sua presença é essencial nos espaços de educação não escolares.

PALAVRAS-CHAVE

Arte/Educação; Ocupação; Casa; Moradia; Resignificar.

ABSTRACT

This article presents reflections on the conception of “home” of children and adolescents who live in Ocupação Justo, in São Leopoldo, considering visual arts as an instrument for redefining social identity within the inhabited context. The field research was carried out between the months of October and November 2023, with a group of approximately 40 children and adolescents, between 7 and 17 years old, participating in the Tenda do Encontro, the Ocupação’s space for activities with the community. Based on the work carried out in the meetings, we sought to analyze the impact of art/education workshops, in order to capture and transmit the narratives underlying these occupied spaces, to become aware of the context in which they live, giving new meaning to the feeling of social belonging of the residents of that region. The practices involved the presentation of people and projects that address the houses and the feelings promoted by them, expressing their identities and the feeling of belonging, reflecting stories and realities of the occupation, they are: Marcelino Melo (Quebradinha Project), the Morrinho Project (RJ), visual artist Mônica Nador (JAMAC Project), the African festival Bogo Ja and the Yanomami village-house. The theoretical framework that underlies the reflection included Walter Benjamin, Ana Mae Barbosa, Georges Henri Luquet and Gaston Bachelard. Reflection on the research carried out shows that young people use art education as a refuge to do what they like, in addition to having Ocupação Justo as an extension of their own homes. Furthermore, the group participating in the research demonstrated a new meaning regarding the perception of their homes, their Occupation and the context in which they live, revealing that art has an essential role in the construction of identities and its presence is essential in non-school education spaces.

KEY-WORDS

Art/Education; Occupation; Home; Dwelling/Resignify.

RESUMEN

Este artículo presenta reflexiones sobre la concepción de “hogar” de niños y adolescentes que viven en Ocupación Justo, en São Leopoldo, considerando las artes visuales como un instrumento para redefinir la identidad social en el contexto habitado. La investigación de campo se realizó entre los meses de octubre y noviembre de 2023, con un grupo de aproximadamente 40 niños y adolescentes, entre 7 y 17 años, participando de la Tenda do Encontro, el espacio de actividades con la comunidad de la Ocupación. A partir del trabajo realizado en los encuentros, buscamos analizar el impacto de los talleres arte/educación, con el fin de capturar y transmitir las narrativas que subyacen a estos espacios ocupados, para tomar conciencia del contexto en el que viven, dando nuevos significados a el sentimiento de pertenencia social de los habitantes de esa región. Las prácticas involucran la presentación de personas y proyectos que abordan las casas y los sentimientos promovidos por ellas, expresando sus identidades y el sentimiento de pertenencia, reflejando historias y realidades de la ocupación, son: Marcelino Melo (Proyecto Quebradinha), el Proyecto Morrinho (RJ), la artista visual Mônica Nador (Proyecto JAMAC), el festival africano Bogo Ja y la casa del pueblo yanomami. El marco teórico que subyace a la reflexión incluyó a Walter Benjamin, Ana Mae Barbosa, Georges Henri Luquet y Gaston Bachelard. La reflexión sobre la investigación realizada muestra que los jóvenes utilizan la educación artística como refugio para hacer lo que les gusta, además de tener la Ocupación Justo como una extensión de sus propios hogares. Además, el grupo participante en la investigación demostró un nuevo significado respecto de la percepción de sus hogares, su Ocupación y el contexto en el que viven, revelando que el arte tiene un papel esencial en la construcción de identidades y su presencia es fundamental en el ámbito no escolar. espacios educativos.

PALABRAS-CLAVE

Educación Artística; Ocupación; Hogar; Vivienda; Resignificar.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados do meu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais (Licenciatura), pela Universidade Feevale em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Iniciei a pesquisa em 2017 na Ocupação³ Justo, quando atuei como voluntária na Tenda do Encontro, local oferecido pelas Irmãs Missionárias de Cristo Ressuscitado, localizado em São Leopoldo, onde, durante as aulas de arte, pude notar que a realidade social dos educandos afetava diretamente seus desenhos e em especial, o desenho de suas casas. Ao trabalhar aspectos referentes ao bairro ou à própria moradia, envolvendo questões sobre onde vivemos, como é a nossa família, casa e o que eu gosto/desgosto no meu bairro, as crianças e adolescentes apresentavam uma imensa resistência.

Escolhi essa temática porque acredito que a arte pode ser um importante instrumento na construção de uma identidade comunitária, tanto na visão estética de arte urbana, quanto na parte de satisfazer nossas necessidades simbólicas, afetivas e emocionais. Creio, também, que a sensação de pertencimento a algum lugar é fundamental para expandir nossa qualidade de vida e para melhorar nosso convívio em sociedade, por isso, essa pesquisa buscou elaborar e vivenciar um projeto de arte/educação na Ocupação Justo, para que as crianças e adolescentes transformem o olhar sobre a comunidade e sobre suas casas, ressignificando memórias não tão boas sobre o espaço, ampliando o orgulho e melhorando sua relação com a comunidade.

Os referenciais visuais abordados contam com o artista Marcelino Melo, o Projeto JAMAC, a aldeia brasileira dos indígenas Yanomamis e o Projeto Morrinhos, apresentando o tema das casas nas mais diversas formas, tanto sobre a estrutura delas, quanto a noção de pertencimento a um espaço que a arte pode promover.

Realizar uma pesquisa sobre a moradia permite ter uma nova visão do que caracteriza a habitação, também a educação e o desenvolvimento artístico das crianças e jovens, torna-se fundamental para o desenvolvimento dessas comunidades e, ao meu ver, é o compromisso que posso contribuir para dar visibilidade à tantas crianças, (re)construindo a cidade com o olhar delas.

De onde nascem as casas

A casa desempenhou um papel essencial na formação do que conhecemos hoje por urbano. Foi o marco que simboliza a mudança do nomadismo para a estabilidade residencial, criando uma convivência em sociedade e, por consequência, regras de convívio, tradições culturais e expectativas sociais sobre o que é bom ou ruim para o indivíduo, criando a civilização e o patriarcado.

³ Doravante, sempre que nos referirmos à ocupação Justo, colocaremos a palavra Ocupação, com letra inicial maiúscula. A Ocupação leva esse nome por conta da família Justo, inicialmente dona do terreno ocupado.

O ser humano, é um ser habitante e que, conseqüentemente, constrói porque habita. Como dizia o filósofo Gaston Bachelard, habitamos nossos espaços de acordo com as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia. A casa é o nosso pedaço do mundo, até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela, já que todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa e nos dá o reconforto de podermos nos iludir com a sensação de proteção. Segundo ele, todos os abrigos, refúgios e aposentos têm valores de onirismo consoante (partiram/partem de um sonho). Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vívida”, não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo passado vem viver pelo sonho, em uma casa nova.

Durante milênios, a casa começou a ser aquecida, iluminada, mobiliada e decorada, relacionando, paralelamente, conforto e estética. Pouco a pouco personalizado conforme a necessidade, acumulando tesouros e projetando fantasias. A casa familiar se diferenciou para satisfazer a coletividade. Algumas casas se transformam em escolas, prefeitura, palácio de justiça, prisão, loja, hotel etc. Além disso, exaltando seus sonhos e necessidades, o ser humano construiu pirâmides, templos, catedrais, arranha-céus e palácios. Dessa forma, podemos dizer que o homem construiu suas casas à imagem de sua transformação, carregando uma fala afetiva, que possui lembranças e sonhos.

A imagem da casa, alegre ou não, nos acompanha ao longo de nossa vida. Esse arquétipo ligado à nossa segurança, amores, posses, status social, está inscrito mais profundamente em nós, até na nossa parte primitiva e animal, como a concha para o caracol. A etologia nos informa que um grande número de animais possui, como nós, uma casa com suas peculiaridades: a toca rudimentar escondida sob as moitas, ninhos cuidadosamente construídos, buracos com labirintos com múltiplas passagens, colmeias sofisticadas, etc. Em torno desses refúgios, o animal delimita um território, uma zona de caça que ele se reserva e que marca os limites graças ao odor pessoal de seus dejetos, reconhecido pelos outros membros de sua espécie, assim como pelos predadores (Rocha, 2019, p. 1).

Existem muitos termos para nos referimos ao lugar onde moramos: casa, moradia, lar, habitação, residência, domicílio, mas nunca paramos para refletir sobre o significado deles.

Casa, palavra originada do Latim, significava inicialmente “cabana”, fazendo jus às moradias da época, é o lugar onde as pessoas entram para dormir, usar o banheiro e comer. Onde temos pressa para sair e retardamos a hora de voltar. O lar é o lugar onde os membros da família anseiam por estar nele, refazem suas energias, alimentam-se de afeto e encontram o conforto do acolhimento. Lar é onde nos sentimos à vontade para sermos nós mesmos, já a casa, pode ser apenas um prédio, posso morar numa casa, mas não sentir que ela é meu lar.

Já a palavra “moradia”, pode soar como algo momentâneo, algo político. Uma moradia não possui um reflexo de lar. Contudo, essa palavra é utilizada uma pluralidade de vezes para se referir aos lares de ocupações. São moradias da ocupação, algo raso

e que não aparenta ter uma história enraizada por trás, diferente da realidade de quem possui residência naquelas terras.

Trabalhar o desenho de casas dentro da Ocupação, exige uma pesquisa a fundo do que consideramos ser uma casa. Dentro do desenho infantil, por exemplo, possuímos um padrão estereotipado para o desenho de casas (figura 1). Geralmente são casas quadradas com telhados pontudos e uma árvore frutífera do lado, o que não corresponde com a realidade de grande parte dos brasileiros.



Fig 1, Lorena Toniolo, Desenho de casa, 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Então, a desmistificação do grafismo de casa entre as crianças, deveria ser um conteúdo abordado pela arte/educação, ampliando o olhar sobre suas casas, possibilitando a valorização desse espaço. Dentro disso, deveríamos iniciar o pensamento de igualdade dos lares, tendo em vista que todas as casas possuem o mesmo material de construção inicial, elas vêm do sonho de construir um futuro.

Para falar das casas na Ocupação, para compreender a sociedade em si e porque habitamos as cidades, acredito que a pesquisa sobre o habitar se torna fundamental. Não apenas no quesito teórico e referencial da pesquisa, mas pelo intimismo de compreender algo que passa, muitas vezes, despercebido, apesar de sermos seres habitáveis, como citado anteriormente.

Segundo Millen (2019), "habitar" é uma ação, uma atitude repleta de escolhas, é o deslocamento do que foi um dia uma construção. Já que o habitar requer, necessariamente, a presença da vida e da escolha de uma determinada edificação. É o que dá um sentido especial a essas condições humanas e que distinguiram as condições da permanência do homem no mundo.

Compreendendo a importância das casas e da habitação, devemos partir para a compreensão da arte na vida humana. Indo para além de uma fonte de prazer e inspiração, a arte é fonte de comunicação universal, onde podemos transcender

barreiras culturais e linguísticas, fonte de preservação da cultura e história, permitindo realizar a salvaguarda da cultura e de acontecimentos históricos, pilar na expressão emocional e estímulo à criatividade e inovação. Junto a isso, a arte se torna fundamental para trabalharmos o pensamento crítico, nos ensinando a questionar a sociedade em que vivemos, ressignificando nossas percepções estereotipadas da realidade, nos dando uma visão mais complexa do que é vida.

A partir do desenho, conseguimos analisar muitos aspectos de quem o desenha. Tudo começa com os primeiros riscos no papel, método de utilização do material riscante, as cores e as formas utilizadas. Todos os itens que compõem o desenho dizem algo sobre a criança, podendo ser o pensamento dela sobre o assunto desenhado, sua opinião sobre o ambiente em que vive, as pessoas que partilham desse ambiente, sua percepção física de si mesma e até mesmo suas emoções.

Ao desenhar, a criança conta sua história, seus pensamentos, suas fantasias, seus medos, suas alegrias e suas tristezas. No ato de desenhar, a criança age e interage com o meio, seu corpo inteiro se envolve na ação, traduzida em marcas que ela produz de forma espontânea. Além disso, os desenhos infantis possuem um grande fascínio, apesar de, muitas vezes, o adulto influenciá-lo com estereótipos. Se o adulto não é um artista, raramente ele irá desenhar. Seus desenhos são reduzidos a alguns rabiscos ou caricaturas. Já as crianças, no entanto, mostram no desenho uma postura criativa e espontânea. Livre de rótulos e que flui de maneira natural como se fizesse parte do ser criança.

Uma perspectiva capaz de condensar o caráter das transformações que percebo estamos vivendo em Arte-Educação seria a relacional e contextual da Arte, da educação, do ensino, e da prática artística na escola. Alunos, professores e artistas são identidades que constroem nas relações e em contextos. O ensino também. Assim pensamos "reinventar" - propósito coerente com a fragmentação, a dinâmica e as articulações entre campos de conhecimento que a pós-modernidade instaura - a escola e o ensino de Arte que ela pode realizar (Barbosa, 2008, p. 33).

Para o pesquisador francês Georges-Henri Luquet, as crianças, na maioria dos desenhos, se contentam em reproduzir a natureza, e elas relatam o desenho como bonito ou belo, quando ele se parece semelhante ou completo com o objeto inicial, entretanto a criança também pode "embelezar" a natureza, acrescentando elementos do idealismo artístico individual do jovem. Ele também afirma que a criança tem consciência desse rudimento de idealismo que ela sobrepõe ao realismo e tem cuidado de o distinguir expressamente (Luquet, 1969).

Segundo a Mestre em Artes Visuais Melissa Haag Rodrigues (2017), Luquet nos mostra que a razão pela qual a criança desenha é a diversão e parte da experiência está em desenhar tudo o que está à nossa volta, ou seja, desenhar a influência do meio em que nos encontramos, por isso um fascínio por desenhar casas, humanos e a natureza. Tanto pela curiosidade em si, quanto por ser algo que é presente diariamente na vida da criança (Rodrigues, 2017).

O grafismo que utilizamos para desenhar, vem da forma com que nos ensinaram a desenhar. Além disso, a quantidade de vezes que a criança ou o indivíduo desenha, irá enriquecer seu repertório gráfico, fazendo com que o desenho atinja sua intenção primeira, com maior facilidade e com menor chance de mudar a interpretação. Pode-se dizer que o modelo do desenho é uma fórmula. Quando alguém nos pede para desenhar algo e desenhamos rapidamente, utilizamos nossa fórmula gráfica interna para reproduzir o objeto solicitado, como o desenho das casas, o que gera o estereótipo no desenho, caso não haja oportunidades para as crianças de ampliação do repertório visual, lendo imagens do cotidiano, da arte e da cultura visual.

Para os estudos de Luquet, o método utilizado para documentar a produção de Simonne foi o de “estudo monográfico”, que visa acompanhar e registrar todas as ações e verbalizações antes, durante e após o ato de desenhar, esse também foi o método utilizado para coleta gráfica da Ocupação Justo.

Uma proposta de arte/educação

A proposta de arte/educação, vinculada à pesquisa deste artigo, aconteceu de 10 de outubro a 3 de novembro de 2023 na Tenda do Encontro, local oferecido pelas Irmãs Missionárias de Cristo Ressuscitado, localizado na Ocupação Justo, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, em que foi realizado um estudo exploratório dentro da Ocupação, além de estudos de campo com aproximadamente 40 jovens, entre crianças e adolescentes. Foram totalizados quatro encontros e, para a coleta de dados realizou-se entrevista com 20 participantes da Tenda, com idade entre sete e 17 anos, além de entrevistar uma das responsáveis pela Tenda do Encontro para me familiarizar com o local.

O número de jovens participantes em cada encontro era incerto, já que as oficinas não faziam parte da grade escolar do aluno, pois a Tenda é um espaço não escolar e não possui obrigatoriedade. Por conta disso, o número de crianças e adolescentes participantes era sempre diferente.

Na coleta e análise de dados, foi feita uma sondagem para reconhecimento do grupo como um todo, além das capacidades e visões individuais de cada aluno. Além das entrevistas, conversei individualmente sobre a relação dos jovens com artes/artistas que ressignifiquem sua visão de arte e, também, perguntas sobre a própria relação do indivíduo com a arte/educação. Na entrevista, haviam perguntas como: o que é arte? O que é uma casa? O que faz um artista? O que torna uma casa, um lar? Quais os pontos fortes da Ocupação? O que vocês sentem falta? entre outras questões, também foi realizado um desenho inicial da concepção deles sobre suas casas, para que, na teoria, fosse feita uma comparação de antes e depois da vivência do projeto, ato que não se concretizou, porque muitos dos alunos que realizaram o desenho da casa na primeira semana, não retornaram nas outras oficinas.

Durante as entrevistas, pude sentir a arte como algo irrelevante para as crianças e, conseqüentemente, mais da metade dos jovens não gostavam das aulas de arte/ educação vivenciadas na escola. Também foi percebida uma baixa autoestima em relação ao desenhar, revelando muitas crianças que diziam não saber desenhar “da forma correta”. Por meio de slides, foram mostradas obras relacionadas à casa dos artistas Flávio Scholles, Alfredo Volpi, Páez Vilaró, Mônica Nador (Projeto Jamac), Basquiat, Cildo Meireles e Aline Feitosa, para que dúvidas e debates já fossem gerados para os próximos encontros.

Pensando nisso, as outras três oficinas abordaram formas “não convencionais” de fazer arte, trazendo assemblagem, pintura com materiais alternativos e arte urbana. Para que, além da fala sobre a moradia, houvesse uma desmistificação do que seria uma boa arte. Em meio a produção artística, as falas dos alunos foram cruciais para que houvesse uma reflexão a partir das artes gráficas produzidas, gerando não só um momento de produção em si, mas de questionamentos pessoais.

Também houve uma preocupação para tornar as crianças protagonistas na pesquisa, tendo como base metodológica as Doutoradas em psicologia e Educação Luciane Goldberg e Ana Maria Monte Coelho Frota, que mencionam (2017) que não devemos conhecer as crianças apenas como grupo social, mas escutá-las, no sentido de que podemos enfrentar juntos os problemas sociais que elas vivenciam e observam, quebrando a visão de que crianças são seres passivos e sem autonomia.

Além disso, as crianças desenham o que geralmente as cercam em sociedade, narrando visualmente suas vivências e experiências, mostrando sua visão de mundo.

Dessa forma, devemos nos valer da arte como recurso precioso de pesquisa junto às crianças, nas suas mais variadas expressões, poisé no processo expressivo e simbólico que a criança dá sentido e significado às vivências e experiências, revelando para nós muito mais do que muitas vezes podemos e conseguimos acessar com instrumentos de pesquisa mais objetivos (Goldberg e Frota, 2017, p. 176).

No segundo encontro, utilizamos a assemblagem e a arte periférica para trabalharmos as casas. Como referencial visual para esse encontro, foi utilizado o artista Marcelino Melo, conhecido pelos alunos por meio das redes sociais. A sua arte representa as moradias da favela e traz uma visão contemporânea do que é a casa. O Projeto Morrinho (Rio de Janeiro), que realiza obras documentais e etnobiografias, dando foco aos grupos marginalizados da periferia carioca, também foi uma referência.



Fig. 2, Lorena Toniolo, Encontro 2, 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse encontro, utilizamos caixas de fósforo para realizar as nossas casas ou partes da ocupação que a achassem fundamental. Dentro das caixas, foi solicitado aos alunos que colocassem coisas que não poderiam faltar dentro de casa, ou coisas que eles gostariam que tivessem dentro dela. Totalizaram-se 28 caixinhas pintadas; isso ocorreu porque a notícia das pinturas se espalhou pela Tenda, fazendo com que a oficina ocorresse em mais de um dia e permitindo com que todos realizassem a proposta (adolescentes e crianças).

No terceiro encontro, trabalhamos as aldeias Yanomamis, localizadas no Brasil e Venezuela e o festival "Bogo Ja" ocorrido pelo povo de Mali na África. Isso foi planejado por conta do tipo de tinta utilizado pelos dois grupos, ambos utilizam tintas com pigmentos naturais para realizar atividades vinculadas à comunidade em que vivem. Também, durante as entrevistas com as crianças, foram mencionados os materiais utilizados para fazer as casas, sendo majoritariamente feitas de madeira e, em algumas ocasiões, isso foi tratado como motivo para diminuir o valor residencial. Por isso, a escolha do Festival e da aldeia-casa porque, tanto na aldeia quanto com o povo de Mali, as casas não eram feitas de materiais populares nas construções brasileiras, tampouco eram pintadas da forma que conhecemos.

Nessa aula realizamos tinta com diversas tonalidades de terra, para pintarmos uma espécie de mapa da Ocupação Justo, sendo o local onde eles moram, visto de cima. Para assim trabalharmos a estrutura da casa, as formas de vê-la, a cultura de outros locais e uma maneira alternativa e acessível de produzir tinta.



Fig. 3, Lorena Toniolo, Encontro 3, 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

No quarto e último dia, trabalhamos o lambe-lambe, falamos sobre onde a arte está e arte urbana. Isso se deu pelas falas dos alunos que acreditavam não saber desenhar. A ideia da oficina era, através dos lambes, passar mensagens para a comunidade, tendo assim o tema "O que você colaria nas paredes do Justo?". Além disso, abordamos o lambe como uma opção de transformar os espaços que eles ocupam dentro de casa, sendo acessível para todos. Como referencial, utilizamos o Projeto JAMAC da artista visual Mônica Nador, que utiliza a técnica do stencil para revitalizar fachadas de casas e as comunidades.



Fig. 4, Lorena Toniolo, Encontro 4, 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final das práticas, conversamos em grupo para discutirmos sobre as produções artísticas e as percepções que eles tiveram, para que fosse realizada uma análise de dados e a conclusão da pesquisa.

A partir da coleta dos dados, construiu-se duas categorias para análise. A categoria “As ramificações da casa: a ocupação e a tenda como extensão da morada”, sobre a visão de moradia para os jovens da Ocupação Justo, em São Leopoldo. E a categoria “A arte como refúgio para se fazer o que gosta”, abordando a relação dos educandos com a própria arte. Em ambas, foram analisadas as criações individuais dos jovens, as criações em grupo, as respostas obtidas por meio das entrevistas e os comentários realizados durante as produções, como relatos de experiências vividas e comentários sobre a Ocupação.

Trazer compreensões de arte para crianças em moradias ocupadas, objeto ainda pouco estudado academicamente, é algo singular nos dias de hoje. Tendo em vista a quantidade de famílias abrigadas em ocupações de moradias e nas crianças que ali vivem. Não só para compreender a luta por moradia, mas a infância em diferentes contextos da vida urbana e como a arte pode ampliar a identidade da comunidade que ali vive.

Creio que a presença de propostas artísticas dentro das Ocupações implica em uma forte contribuição com processos de transformação do espaço, alterando formas de lidar e construir o lugar nas regiões onde se encontram. A arte, em suas variadas manifestações, é constante no nosso dia a dia, como algo essencial para a vida, então, a democratização de acesso aos bens culturais e sociabilidade é fundamental em todas as áreas da cidade, não somente nas que possuem maior acessibilidade a ela e maiores áreas culturais em que deve ser presente no cotidiano das crianças que participam da luta pela moradia e nesses espaços não institucionais.

O desenho da casa é um suporte em que se misturam e se cruzam os valores do objeto e os valores da pessoa. No momento presente, integrando o passado e a história pessoal, com aspectos sociais e culturais propriamente ditos. Na história da arte, conseguimos analisar uma pluralidade de representações de casas de diversos artistas, em diversas épocas e em diversas maneiras de fazer arte. A casa é uma figura que nos causa emoções amplas, por isso se tornou pauta desta pesquisa.

Durante os meses que vivenciei o projeto na Tenda do Encontro, consegui analisar os resultados obtidos por meio da perspectiva de duas categorias, a primeira em relação a visão de casa das crianças, que será abordada neste subcapítulo.

Inicialmente, havia pedido para os jovens presentes na pesquisa realizarem desenhos de suas casas e, ao longo disso, fui coletando falas dos alunos para ver se havia alguma particularidade ou semelhança entre a visão de casa deles.

Ao analisar os desenhos feitos, pude observar que as crianças de sete a nove anos, possuem a mesma padronização estereotipada da casa e isso se dava por conta do jeito que as crianças haviam sido ensinadas o que era uma casa, entretanto, elas mantêm a cor de sua moradia. Quando a casa é feita de madeira, ocorreram casos de o desenho ser em preto e branco, pela casa “não ter cor”, o que mostrou que algumas crianças só assimilam cor à casa, quando realmente há tinta, não validando a cor do material de construção.

Os jovens a partir de dez anos (até os adolescentes de 17), desenharam a casa com a proposta de “ser o mais fiel possível”, para evitar desenhos apenas com lápis de escrever e que pudessem cair em uma padronagem estética. Nesse momento, os educandos começaram a apontar defeitos nas casas, por terem o desafio da fidelidade visual (figura 5). Havia, também, muitos irmãos frequentando a mesma oficina, o que originou “correções” nos desenhos, do tipo “por que tu está desenhando uma piscina, se a nossa está furada?” ou apenas comentários que pareciam sentimentos mútuos entre eles, como “vou desenhar o quarto do tio, porque é um quarto bom”. Havia também uma relação entre o desenho, os objetos e móveis da casa. As crianças desenharam, muitas vezes, coisas que elas gostariam de ter, como televisão, videogames e computadores, que podemos mencionar como “brinquedos” da geração atual de jovens, e que criança não quer ter brinquedos?

Os desenhos saíram com bastante comentários, desde explicações dos próprios desenhos, até sentimentos internalizados sobre o que ocorria na casa, como fome e violência doméstica. Nesse momento, comecei a perceber que as crianças eram muito influenciadas pelas famílias da Ocupação, enxergando-as como um todo.

Também notei que a Ocupação funcionava como uma grande casa, tendo muitas crianças a visão da Tenda e da Ocupação em si como uma ramificação do lar. Isso ocorria pela proximidade entre as famílias, que permitiam com que as crianças tivessem a rotina de chegar da escola e brincar pela Ocupação, indo umas nas casas das outras e na Tenda. Além disso, as festas que os jovens frequentavam, o mercado e até mesmo a casa de outros parentes, permaneciam dentro da Ocupação, por esse motivo, muitos jovens somente saíam para trabalhar, deixando o voltar para o Justo com um tom de voltar para o lar, quase que como uma bolha social.

Acho importante mencionar também que, durante os encontros, surgiram debates do Justo ser uma ocupação ou uma invasão, partindo principalmente dos adolescentes. Alguns deles, que não participavam do movimento de luta pela moradia, falavam que entrar num terreno para habitar é uma invasão. Isso gerou uma grande polêmica em sala de aula, por muitos não concordarem com essas falas, entretanto, era de consentimento comum que independente de invasão ou ocupação, aquele lugar era deles e que não havia uma previsão de saída.

A cada casa desenhada, vimos a relação dos jovens com a própria comunidade do Justo, tendo como análise que a Ocupação e a comunidade acabam se mesclando com o individualismo da casa, mas não como algo ruim, já que durante as entrevistas, todas as crianças mencionaram que, entre as melhores coisas da Ocupação, estavam as amizades e as pessoas que vivem lá.

Nesse momento, também acho válido retomar a Poética do Espaço, abordada por Bachelard (2000), que menciona que neste mundo, iremos amar as coisas, quando pararmos para ver elas de perto. E não somente isso, devemos desfrutar de sua pequenez já que perderíamos o sentido dos valores reais se interpretamos as miniaturas no simples relativismo do grande e do pequeno. O varal de roupas presente nos desenhos, a afiação da casa também mostradas no desenho, a torneira vazando e a estrutura da casa em si podem ser um detalhe de extrema importância, por ser algo que é essencial para quem desenha. Então, a casa não se torna somente sua estrutura, mas os pequenos detalhes que a compõem e que dão o significado de lar. Os detalhes percebidos por essas crianças, desde suas casas até os detalhes de toda Ocupação, fazem jus à moradia e tornam o Justo e a Tenda uma grande casa.

Como segunda categoria para análise de dados, utilizei a frase de um aluno como referencial de ideias. Ao longo da prática do meu trabalho de conclusão, apareceram questões além da temática da casa, como a função da arte e da estética dos desenhos, em que muitos alunos se sentiam inseguros em relação ao desenhar por acharem que seus trabalhos não eram bons o suficiente.

Após as quatro oficinas e a mostra de artistas visuais que retratavam casas de formas variadas, fugindo do realismo visual, pude notar uma resignificação do papel da arte. Em que surgiu a frase “a arte é um refúgio para se fazer o que gosta”. Nisso podemos levantar dois pontos: o primeiro ponto é sobre o lugar da arte dentro da Ocupação e em especial, dentro da Tenda do Encontro. A Tenda se mostrou um lugar de acolhimento, fazendo jus a sua função, onde as crianças se sentem acolhidas para brincar, estudar e fugir de algumas realidades inevitáveis dentro do Justo, como o

tráfico e a desigualdade social. Nesse aspecto, a arte se mostrou para além de uma ferramenta de ressignificação do mundo, mas sim como uma amiga que acolhe e escuta. Dando a oportunidade para os jovens realmente fazerem o que gostam.

O segundo ponto diz respeito a ressignificação do fazer arte, modificando a visão de que somente artes realistas são bonitas. Ao ver novos formatos de arte e novos artistas, as crianças pararam de se cobrar tanto sobre o desenvolvimento gráfico-plástica dos desenhos. Se sentindo mais seguras para realizar as atividades e conseguindo levantar críticas e comentários quando alguém mencionava não conseguir desenhar, fala como “todo mundo sabe desenhar” foram corriqueiras, “não precisa ficar perfeito para ser arte” ou “é meu jeito de se expressar”. De acordo com Lowenfeld, essa autoconfiança em relação ao desenho, se dá pela prática de riscar e desenhar:

Quanto mais autoconfiante a criança, mais ela se arrisca a criar e a se envolver com o que faz. A criança segura se concentra com mais facilidade nas atividades. Consegue se soltar e acreditar no que faz (Lowenfeld, 1977, p.128).

Finalizo minha análise de dados com a percepção de que a arte foi utilizada como um real refúgio para se fazer o que gosta, além de auxiliar na criação de memórias afetivas em relação a arte/educação e a própria Ocupação do Justo.

Considerações finais

Esta pesquisa foi significativa no meu processo de formação como arte/educadora, mas acima disso, uma forma de ressignificar a minha visão de arte. Sobretudo, por conseguir que outras pessoas também possam olhar suas casas e a arte com uma nova perspectiva.

As aulas trabalhadas me deram a noção de analisar e perceber o que acontecia naquela Ocupação, como a fome e a violência que, muitas vezes, se camuflavam numa união gigantesca das crianças e das famílias que vivenciam a Tenda do Encontro. As crianças não desenhavam as casas por vários fatores, sendo eles uma rejeição estrutural da mesma, por não se sentirem bem com a violência dentro de suas moradias, pela fome ou, até mesmo, por considerarem suas casas uma pequena estrutura, dentro da grande casa que a Ocupação se torna. Todas as casas juntas formando uma só.

No último dia de oficinas na Tenda, pude presenciar um acontecimento que se tornou singular para a análise da pesquisa: um aluno ao celular me mostra fotos de armas na cama de um conhecido. Eram armas utilizadas dentro da Ocupação e que seriam direcionadas ao tráfico de drogas da comunidade.

Nesse momento, questioneimei-me a respeito da função do professor e da pesquisa em si, pois sempre acreditei que a educação salvaria o mundo, como se fosse algo rápido e fácil e, ao me deparar com situações assim, reflito sobre o quanto a arte se torna importante.

Nesse processo de análise da fotografia, conversei com os alunos sobre a visão de arte para a coleta de dados. Então uma das crianças menciona que a arte é um refúgio para se fazer o que gosta. Um lugar seguro para lembrar que a vida pode ser muito mais do que ela aparenta ser e um lugar seguro para nos sentirmos em casa.

Esta se tornou uma colocação excepcional para a pesquisa, pois mostrou que além do ressignificado sobre a casa e do próprio desenho em si, a arte foi responsável por agregar memórias afetivas na vida dos educandos, tornando a sala de aula um lugar seguro, tornando-se, literalmente, um refúgio para se fazer o que gosta.

Então, concluo esta pesquisa afirmando que a arte muda a vida porque nos dá a opção de sonhar e modificar tudo o que conhecemos, incluindo nossas casas e as ilustrações gráficas plásticas das mesmas, modificando nossa forma de expressão e dando a oportunidade de ver o mundo com outros olhos.

Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6a edição. São Paulo. Cortez, 2011.

GOLDBERG, Luciane; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo**, 2018.

GRUBITS, Sonia. **A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil**, 2003 disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/hPdwKkxp4zhrJJYpYm9sBG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 01 de julho de 2022.

MILLEN, João Bosco Camargo. **Construir, Habitar, Pensar: Uma Proposta (re)Leitura**. Poliética. São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 119-142, 2019.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Civilização, 1969.

RODRIGUES, Melissa Haag. **Análise do desenho infantil segundo as ideias de Luquet 2017**, disponível em: <<https://ojs.unifor.br/rh/article/view/7474>> . Acesso em: 1 abr. 2022.

Submissão: 15/03/2024

Aprovação: 25/04/2024